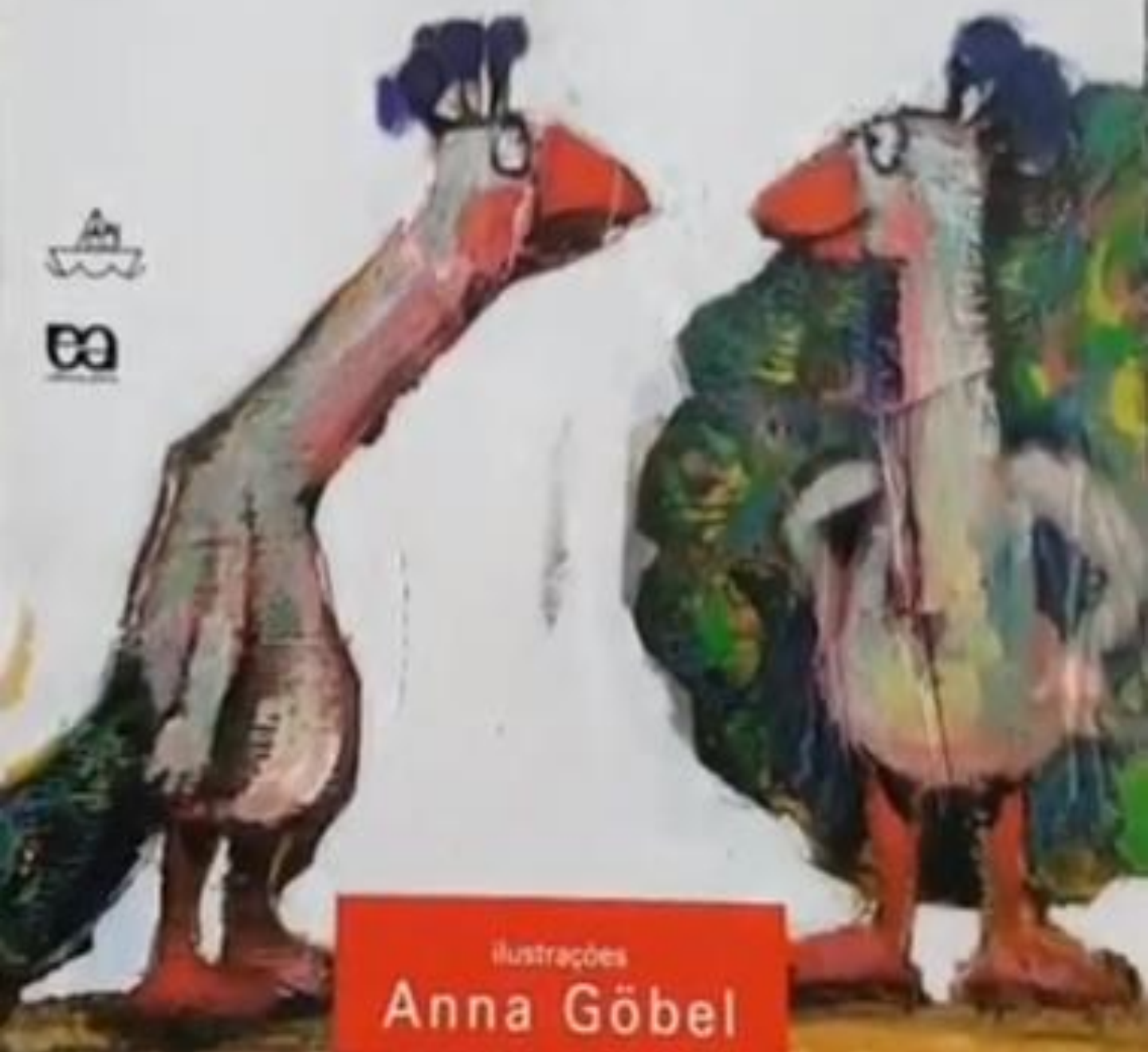
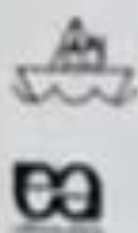


Ana Maria
Machado

O pavão do abre e fecha



ilustrações

Anna Göbel





Um pavão se pavoneava na
beira do lago, se olhava na água
e se perguntava:
— Sou feio? Sou bonito?



Quando via a cauda aberta
em leque, toda verde,
roxa e azul-brilhante, se achava
lindo e elegante.



Mas quando olhava para os
pés e seu andar desajeitado,
ficava até desanimado.
E se escondia envergonhado.





Um dia, ele recebeu um convite
para uma festa no céu, que devia ser
ainda mais bonita que a tal do sapo.

Abriu e perguntou:

— Será que isso é bom? Será que é
ruim?

Sempre que precisava ter uma opinião,
ficava assim.

— Claro que é bom — disse o pombo-
correio. — Festa é sempre bom.



E ele achou que era bom.
Abriu a cauda e ficou se pavoneando.
Depois, ensaiou uns passos de dança.



E ouviu as gargalhadas de um tangará
dançarino que, bem ao seu lado,
treinava para a festança:
— Que bicho mais desajeitado!
Este baile vai ser engraçado...







Ficou todo sem graça e se fechou.
Aí chegou um pardal e assim falou:
— Que tristeza é essa?
— É que eu danço esquisito...
— E quem vai reparar nisso num bicho
tão bonito?
É o pavão, elogiado, abriu a cauda
com pena pra todo lado.
Mas, de mau jeito, acabou perdendo
uma, lá no canto direito.





Foi uma tristeza danada. E lá ficou de novo, todo encolhido, de cara amarrada.

— Por que todo esse aborrecimento?

— perguntou o periquito, que passava nesse momento.

— Perdi uma pena e isso é ruim.

— Ruim uma ova. É sinal de que vai ganhar outra bem nova.

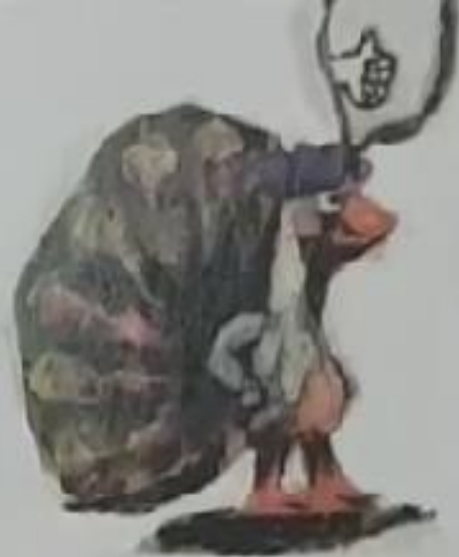


Com isso, o pavão se animou e abriu seu leque.



Aí chegou o bem-te-vi e riu muito moleque:
— Olha o pavão de rabo banguela!
Já se sabe: o pavão encolheu a cauda,
tratou de sumir com ela.
E ficou assim a tarde toda, abrindo e fechando,
abrindo e fechando,
mudando de ideia com cada bicho que ia encontrando.
No fim do dia estava vesgo, suado,
cansado, espandongado, de língua de fora,
exausto de abrir e fechar a toda hora.

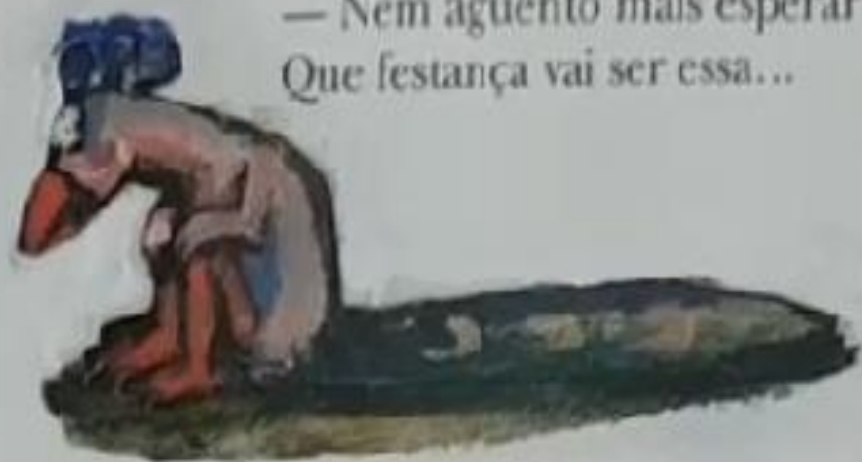




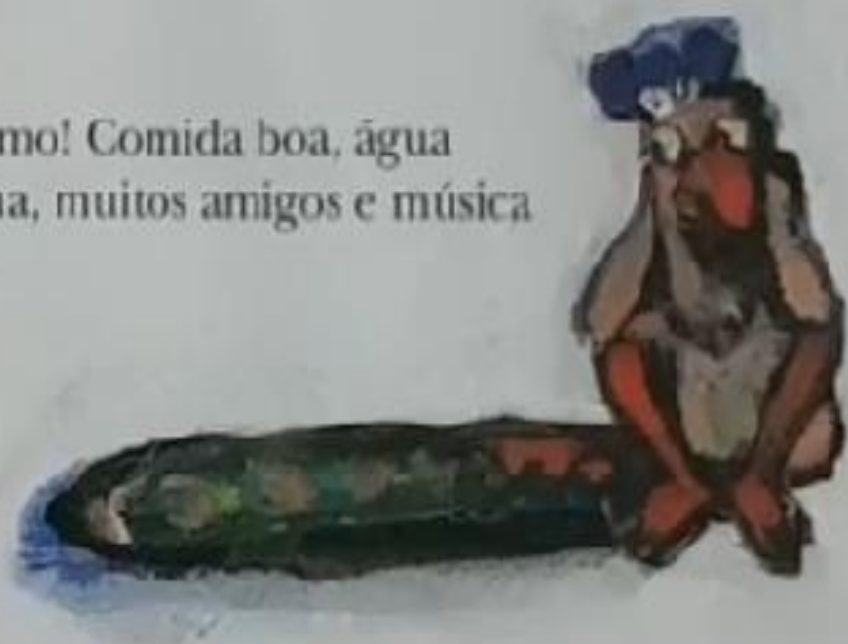


Resolveu: não ia mais. Mas também
não ficava ali para todo mundo rir dele.
Viu uma moita e se escondeu atrás.
Aí ouviu uma conversa do outro lado:

— Nem aguento mais esperar o baile.
Que festança vai ser essa...



— É mesmo! Comida boa, água
fresquinha, muitos amigos e música
à beça...



O pavão foi até lá, ver quem tinha
tanta animação.



Não era pássaro colorido, nem dançarino, nem de boa canção.
Era um casal de urubus.
Foi a vez do pavão rir deles, abrindo suas penas verdes e azuis.
— Vocês não se envergonham? Feios assim e cheirando ruim? Quando vocês dançarem, todo mundo vai rir.
— Vai nada... — respondeu o urubu.
— Todo mundo está mais ocupado, tratando de comer e beber, de cantar e dançar, de se ver e conversar.
E se alguém quiser, pode rir.
Não é por isso que vou deixar de me divertir.







E a urubua completou:

— E tem mais: não tem essa de feio e fedorento, não, ouviu? Urubu é tão bonito, da cor do jamelão e do jaguar, da jabuticaba e da noite sem luar...

E enquanto o pavão abria o bico e se espantava, ela continuava:

— Você é que é feioso, com esse rabo escandaloso, abrindo e fechando que



nem gaveta. E nem ao menos é de cor preta. Todo esse verde, roxo e azul, cheio de bolinha...

Mas a última coisa que disse foi com um sorriso matreiro e olhar dengoso: — O que vale é que você tem uns pés que são mesmo uma gracinha... E depois, isso de bonito ou feio é só questão de recheio.



Aí o pavão teve que rir.
E depois que os dois saíram voando,
ele ficou pensando:
— Feiura de lixo ou beleza de artista
não depende do bicho, mas do ponto
de vista. Cada um é diferente e o que
importa é mesmo a gente.
E lá foi ele animadíssimo para uma
festa bem divertida.
Ainda bem. Se não, ficava naquele
abre e fecha toda a vida.



